

EP-152

MARCADORES BIOLÓGICOS NÃO INVASIVOS PARA AVALIAÇÃO DE FIBROSE HEPÁTICA EM PACIENTES CRONICAMENTE INFECTADOS COM O VÍRUS DA HEPATITE C (HCV)

Bianca Peixoto Dantas, Arielle Karen Silv Nunes, Caroline Manchiero, Thamiris Vaz Gago Prata, Mariana Cavalheiro Magri, Fátima Mitiko Tengan

Laboratório de Hepatologia por Vírus (LIM47), Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A inflamação do fígado pelo HCV é considerada a maior causadora de doença crônica do fígado e de transplante hepático em todo o mundo. O HCV pertence ao gênero Hepacivirus e família Flaviviridae. Evoluiu para a fase crônica em 75% a 80% dos casos. Dez a 20% destes pacientes pode evoluir para cirrose, insuficiência hepática e carcinoma hepatocelular em um período de 20 a 30 anos. A biópsia hepática é o padrão ouro utilizado para avaliar o grau de fibrose. Marcadores não invasivos, como os biológicos, estão sendo cada vez mais estudados para tentar substituir a biópsia hepática.

Objetivo: Avaliar o desempenho de marcadores biológicos comparados ao grau de fibrose avaliado pelo estudo anatomopatológico de fragmento hepático, em pacientes crônicos com HCV do HCFMUSP.

Metodologia: Retrospectivamente selecionamos 301 pacientes, no período de 2010 a 2015. Os marcadores avaliados foram: APRI, FIB-4, Forn Index, Lok Index, GUCI e FibroIndex. Através da construção de curvas ROC (receiver operator characteristic) foi mensurada a área sob a curva (AUROC), demonstrando assim o poder discriminativo de cada marcador comparado à biópsia hepática.

Resultados: Os graus de fibrose da biópsia hepática dos pacientes, avaliado pela escala METAVIR foram: F0 (n = 46); F1 (n = 120); F2 (n = 74); F3 (n = 45); F4 (n = 16). Os principais resultados mostraram que o desempenho dos marcadores para discriminar o grau F4 da biópsia hepática apresentou AUROC de 0,922 no marcador FIB-4; 0,898 no APRI; 0,898 no GUCI e 0,841 no LOK. Analisando os pacientes com fibrose significativa (F2, F3 e F4), o desempenho dos marcadores apresentou AUROC de 0,805 do GUCI; 0,804 para o APRI. Já para os pacientes com fibrose avançada (F3 e F4) o APRI obteve AUROC de 0,833; GUCI de 0,833 e 0,831 de FIB-4.

Discussão/Conclusão: Os marcadores não invasivos utilizados para a avaliação dos pacientes nos graus de fibrose hepática F0, F1, F2 e F3 apresentaram a área sob a curva ROC inferior a 0,8 não sendo classificados como muito bons ou excelentes. Para a avaliação de pacientes com cirrose, o marcador FIB-4 foi excelente e o APRI, GUCI e LOK se mostraram como muito bons discriminadores. Agrupando os pacientes com fibrose avançada, o APRI, GUCI e FIB-4 também são úteis para discriminar os pacientes. Concluímos neste estudo que os marcadores FIB-4, APRI, GUCI e LOK são úteis para rastrear



pacientes com graus de fibrose avançados de forma simples, menos invasiva e com baixo custo.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101230>

EP-153

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DE TESTES RÁPIDOS NA DETECÇÃO DE MARCADORES PARA O VÍRUS DA HEPATITE C

Vanessa Cristina M. Silva, Adriana Parise Compri, Lia Lory Gama da Cunha, Marcilio Figueiredo Lemos, Isabel Takano Oba, Clóvis Roberto A. Constantino, Regina Célia Moreira

Instituto Adolfo Lutz (IAL), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: O vírus da hepatite C (HCV) é considerado grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Desde 1993, houve grande melhora no desempenho dos testes utilizados para o diagnóstico dessa infecção. A utilização dos testes rápidos trouxe uma alternativa de diagnóstico, facilitando o recrutamento e aceitação da população em realizar a testagem. No Brasil, grande parte da população infectada não conhece seu estado sorológico. Por ser uma doença silenciosa, a hepatite C muitas vezes é diagnosticada apenas em fases mais avançadas da doença. Dessa forma, a realização de testes para um diagnóstico precoce é de extrema importância para o combate a essa infecção.

Objetivo: Avaliar a concordância entre os resultados de testes imunocromatográficos de triagem (teste rápido) e testes confirmatórios (PCR em tempo real e quimiluminescência) para confirmar casos de exposição ao HCV.

Metodologia: Foram realizados em estudo anterior, testes rápidos em população de homens que fazem sexo com homens em 12 capitais brasileiras, para avaliação de exposição ao HCV. As amostras com resultados reagentes nesse estudo foram encaminhadas ao Instituto Adolfo Lutz para a realização de testes confirmatórios. Inicialmente, foi realizado teste molecular por PCR em tempo real para avaliar infecção ativa. Amostras com resultado não detectado foram submetidas ao teste sorológico por quimiluminescência para avaliar infecção passada e possíveis resultados falsos positivos no teste rápido.

Resultados: Do total de 24 testes rápidos com resultado reagente para anti-HCV, 23 amostras de sangue foram colhidas e enviadas ao Laboratório de Hepatites do Instituto Adolfo Lutz para a realização dos testes confirmatórios. Dessas, 16 foram confirmadas (13 por PCR em tempo real e 3 por quimiluminescência) e 7/23 (30,4%) apresentaram resultado falso positivo nos testes rápidos.

Discussão/Conclusão: Os testes rápidos são importantes ferramentas no diagnóstico do HCV. Por ser um teste de fácil manipulação, coleta e com resultado em poucos minutos, torna-se um ótimo teste para triagem de pacientes e colabora com o aumento da testagem na população. Por ser um teste altamente sensível, a confirmação dos resultados é necessária, tendo em vista o baixo valor preditivo positivo, quando



empregado em população de baixa prevalência para determinada enfermidade, caso da Hepatite C.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101231>

EP-154

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DAS HEPATITES B E C EM IDOSOS DE UMA REGIÃO DO PARANÁ, BRASIL

Flávio Pasa Brandt, Lirane Elize Defante Ferreto, Valdir Spada Jr., Roberto Shigueyasu Yama

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, PR, Brasil

Introdução: As hepatites virais constituem doença de notificação compulsória e apresentam grande importância em nosso meio, devido à elevada prevalência e, especialmente, frente às mudanças no perfil demográfico brasileiro atual, denotado por maior longevidade da população brasileira e manutenção das condições crônicas.

Objetivo: Caracterizar o perfil epidemiológico e possíveis fatores de risco para as infecções por Hepatite B e C na população idosa da região Sudoeste do Paraná, Brasil.

Metodologia: Trata-se de um estudo ecológico, descritivo e de abordagem quantitativa. Foram utilizados os dados de pacientes com 60 anos ou mais notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no período de 2007 a 2017, para as hepatites B e C, a partir de seus marcadores sorológicos para infecção ativa ou passada (no caso da Hepatite B, positividade para o Anti-HBc total, com HBsAg reagente ou não; e para a Hepatite C, positividade para o Anti-HCV ou HCV-RNA). A região analisada abrange 27 municípios e uma população estimada de 400 mil habitantes. As características associadas às hepatites B e C foram examinadas usando estatística descritiva e análise de regressão de Poisson.

Resultados: A prevalência estimada nesta população foi de 86,7 casos para cada 10.000 idosos para a Hepatite B e de 6,81 casos para a Hepatite C, no período entre 2007 e 2017. No modelo multivariado de regressão logística, as infecções pelo HBV e HCV foram associadas às etnias não brancas (OR 3,45; IC95% 1,23–9,65; $p=0.018$), histórico de realização de transfusão sanguínea (OR 11,51; IC95% 3,92–33,76; $p=0.001$), residir em município com mais de 20 mil habitantes (OR 3,45; IC95% 1,05–11,32; $p=0.036$) e mais de 50 mil habitantes (OR 3,2; IC95% 1,06–9,56; $p=0.040$), caracterizando essas variáveis como possíveis fatores de risco na população estudada.

Discussão/Conclusão: Destacaram-se como fatores preditores para estas infecções 3 variáveis: viver em município com mais de 20 mil habitantes, pertencer à etnias não brancas e histórico de transfusão sanguínea. Portanto, mesmo a população idosa não sendo classicamente um grupo de risco para as hepatites virais B e C, há de se considerar a tendência de crescimento dessa população nas próximas décadas e seus consequentes impactos nos sistemas de saúde, tornando necessário o aprofundamento deste tema em novos estudos



e ampliar o desenvolvimento de políticas de prevenção e rastreamento destas infecções neste público.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101232>

EP-155

AVALIAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES PORTADORES DE HEPATITE C SUBMETIDOS À DIFERENTES TRATAMENTOS FARMACOLÓGICOS, CONFORME PRECONIZADO NO ANO DE TRATAMENTO, NOS AMBULATÓRIOS DE INFECTOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO ABC

Mateus Etori Cardoso, Virgilio Tiezzi Neto, Olavo Henrique Munhoz Leite, Carlos Miyashira, David Everson Uip, Ana Paula Serra Leopercio, Kelly Vilela, Cristina Giovanetti Pereira Dos Anj, Ana Carla Carvalho, Adilson Westheimer Cavalcante

Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), Santo André, SP, Brasil

Introdução: A hepatite C é uma doença hepática, de etiologia viral, responsável pelo desenvolvimento de danos ao fígado que podem levar à cirrose e carcinoma hepatocelular. Existem diversos fatores de risco responsáveis pela transmissão, que podem incidir de maneira diferente em determinados grupos populacionais. Além disso, como muitos casos são assintomáticos, o diagnóstico precoce é moroso, colaborando para índices de prevalência e incidência variados entre os países e regiões estudadas.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico de pacientes com Hepatite C que são acompanhados no ambulatório de Infecologia da Faculdade de Medicina do ABC, tentando encontrar os principais fatores de risco locais.

Metodologia: Análise descritiva com base na análise de dados de prontuários de pacientes portadores do vírus da hepatite C, submetidos a um questionário direcionado a possíveis fatores de risco para infecção pelo HCV.

Resultados: Foram coletados dados de 100 pacientes. O presente estudo teve maior incidência de pacientes do sexo feminino (52%), na faixa etária entre 41 a 50 anos (35,2%), com escolaridade ensino médio completo (42,3%). Predomínio do Genótipo 1A (34,3%) Dos fatores de risco, 37,4% dos participantes receberam por transfusão de sangue (73% antes de 1993), 84,8% passaram por procedimento cirúrgico. Somente 1% dos pacientes passaram por diálise, 29% dos participantes relataram fazer uso de drogas inalatórias ou injetáveis, 27% dos participantes têm tatuagens ou piercings, 64% relatam que já compartilharam algum tipo de utensílio perfuro cortante, 75% dos entrevistados têm parceiro sexual fixo. De toda a amostra, somente 2 deles tiveram relações com parceiros do mesmo sexo, 8,8% usam preservativo em todas as relações, os demais não fazem uso. 15,2% dos participantes relataram Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e 20% dos pacientes fizeram sessões de acupuntura. Na amostra, 57% tiveram o diagnóstico entre 2008 e 2017 e 93% fizeram tratamento para o HCV.

